

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Richest Man in Babylon*

Autor: *George S. Clason*

Copyright © George S. Clason, 1926, 1930, 1931, 1932, 1936, 1937, 1940, 1946, 1947, 1954, 1955

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução de toda a parte da obra sob qualquer forma ou meio. Edição portuguesa publicada por acordo com NAL Signet, uma chancela de Penguin Group (USA) Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2008

Tradução: *Dalila Coutinho*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Novembro, 2008

3.ª edição, Lisboa, Maio, 2016

Depósito legal n.º 283 304/08

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| PREFÁCIO | 11 |
| O homem que desejava ouro | 15 |
| O homem mais rico da Babilónia | 21 |
| Sete soluções para carteiras vazias | 31 |
| A deusa da boa sorte | 48 |
| As cinco leis do ouro | 60 |
| O prestamista da Babilónia | 71 |
| As muralhas da Babilónia | 82 |
| O negociante de camelos da Babilónia..... | 86 |
| As tábuas de argila da Babilónia | 95 |
| O homem mais afortunado da Babilónia | 104 |
| Um retrato histórico da Babilónia | 120 |

PREFÁCIO

A nossa prosperidade enquanto nação depende da prosperidade financeira de cada indivíduo.

A presente obra trata do sucesso que cada um de nós poderá vir a alcançar. Sucesso é sinónimo de realizações decorrentes dos nossos próprios esforços e aptidões. Uma preparação adequada é a chave do sucesso. Os nossos actos têm de ser tão sábios quanto os nossos pensamentos. O nosso modo de pensar tem de ser tão sábio quanto o nosso discernimento.

Este livro, que aponta soluções para carteiras magras, tem sido considerado um guia da sabedoria financeira. O seu propósito é precisamente esse: oferecer a todos aqueles que ambicionam o sucesso financeiro uma perspectiva que os ajudará a ganharem dinheiro, a pouparem-no e a fazerem com que os lucros gerem ainda mais dinheiro.

As páginas que se seguem transportam-nos no tempo até à Babilónia, o berço dos princípios básicos das finanças, que continuam ainda hoje a ser reconhecidos e utilizados em todo o mundo.

O autor deseja sinceramente aos novos leitores que estas páginas possam proporcionar-lhes inspiração para aumentarem a conta bancária, obterem sucessos financeiros e encontrarem a solução para problemas pessoais relativos a dinheiro.

Aproveita também para expressar a sua gratidão a todos aqueles que, nos inúmeros países onde este livro já foi publicado, o divulgaram junto de familiares, amigos, colegas, funcionários e sócios. Não poderá haver apoio maior do que o que é concedido por pessoas que apreciaram os ensinamentos aqui contidos, uma vez que alcançaram, por si próprias, êxitos consideráveis, ao aplicarem os princípios que o livro advoga.

A Babilónia tornou-se a cidade mais abastada do mundo antigo porque os seus cidadãos foram o povo mais rico do seu tempo. Sabiam apreciar o valor do dinheiro e praticavam princípios financeiros sólidos na aquisição de dinheiro, na conservação do dinheiro e na multiplicação do dinheiro que possuíam. Lograram, deste modo, proporcionar a si mesmos aquilo que todos nós desejamos: ganhos futuros.

G. S. C.

O HOMEM MAIS RICO
DA BABILÓNIA

O HOMEM QUE DESEJAVA OURO

Bansir, o fabricante de carruagens da Babilónia, estava completamente desolado. Sentado no muro baixo que rodeava a sua propriedade, contemplava com tristeza a habitação modesta e a oficina aberta, no interior da qual podia avistar-se uma carruagem ainda por concluir.

De tempos a tempos, a esposa surgia à porta da casa. O olhar furtivo que lhe lançava nessas ocasiões lembrava-o de que a despensa estava praticamente vazia e de que tinha de trabalhar para terminar a encomenda. Tinha de martelar aqui, cortar ali, lixar e pintar, esticando o couro para forrar os aros das rodas, ou seja, preparar o veículo para ser entregue, a fim de poder receber o pagamento do seu abastado cliente.

Apesar disso, o seu corpo robusto e musculado detinha-se apaticamente sobre o muro. O seu raciocínio lento debatia-se com um problema para o qual não lograva encontrar resposta. O sol abrasador, tão característico do vale do Eufrates, castigava-o de forma implacável. Formavam-se-lhe gotas de suor por cima das sobrancelhas, que pingavam, despercebidas, até se perderem no matagal que ostentava no peito.

Para lá da casa, erguiam-se as altas muralhas em socalcos que cercavam o palácio do rei. Nas proximidades, recortada contra o azul do céu, avistava-se a colorida torre do Templo de Bel. À sombra de tamanha grandeza, ficava situada a sua casa e tantas outras muito menos limpas e cuidadas. Assim era a Babilónia: um misto de grandeza e miséria, de opulenta abastança e de pobreza confrangedora, que convivía desordenadamente no interior das muralhas que protegiam a cidade.

Atrás de si, caso tivesse sequer o cuidado de se voltar para as observar, passavam aos solavancos as ruidosas carruagens dos ricos,

obrigando tanto o comerciante de sandálias como os mendigos de pés descalços a afastarem-se do caminho. Até mesmo os ricos eram obrigados a enfrentar a sarjeta, para darem passagem às longas filas de escravos que transportavam água, todos eles «ao serviço do rei», cada um com alforjes de pele de cabra cheios de água para a rega dos jardins suspensos.

Bansir estava demasiado absorto no seu problema para ouvir ou prestar atenção ao burburinho confuso da cidade buliçosa. Foi arrancado do seu devaneio por uma súbita sucessão de acordes de uma lira que lhe era familiar. Virou-se e viu o rosto delicado e sorridente do seu melhor amigo: Kobbi, o músico.

— Que os deuses te abençoem com imensa generosidade, meu bom amigo — começou por lhe dizer Kobbi, numa saudação rebuscada. — Contudo, parece que já o fizeram, pois não te vejo entregue ao trabalho. Regozijo-me pela tua boa sorte. Mais: de bom grado a partilharia contigo. Rogo-te que me emprestes da tua bolsa, que deve estar a abarrotar, caso contrário, estarias atarefado na oficina, dois humildes siclos, que te devolverei logo após o banquete dos nobres desta noite. Nem chegarás a sentir-lhes a falta.

— Se tivesse dois siclos — retorquiu Bansir em tom pesaroso —, não poderia emprestá-los a ninguém, nem mesmo a ti, o melhor dos meus amigos, pois seriam toda a minha fortuna. Ninguém empresta o único dinheiro que possui, nem mesmo ao melhor amigo.

— O quê!? — exclamou Kobbi deveras surpreso. — Não tens um único siclo no bolso e estás prostrado como uma estátua nesse muro! Porque não acabas de construir essa carruagem? Como sustentas o teu nobre apetite? Nem parece teu, meu amigo. O que é feito da tua inesgotável energia? Há algo que te perturbe? Caiu sobre ti algum infortúnio dos deuses?

— Deve ser mesmo um tormento dos deuses — concordou Bansir. — Tudo começou com um sonho, um sonho sem sentido, onde me via como um homem de posses. Do meu cinturão pendia um belo saco, pesado de tanta moeda. Continha siclos à mão-cheia, que eu lançava aos mendigos, com despreocupada generosidade. Havia moedas de prata com que comprava finos presentes para a minha esposa, e o que mais desejasse para mim próprio. Havia moedas de ouro que me tranquilizavam quanto ao futuro, e que me retiravam o receio de gastar as moedas de prata a meu bel-prazer. Inundava-me uma sensação magnífica de contentamento! Não terias reconhecido o teu diligente

amigo. Também não terias reconhecido a minha mulher, com o rosto radioso e sem rugas. Voltara a ser a moça sorridente dos nossos primeiros anos de casados.

— Um sonho sem dúvida alguma agradável — comentou Kobbí —, mas porque haveriam tão agradáveis sensações de te deixar tão apático e petrificado contra essa parede?

— Boa pergunta! Pois, porque quando acordei e me lembrei que não tinha onde cair morto, apoderou-se de mim um sentimento de revolta. Conversemos um pouco sobre isso, já que, como dizem os marinheiros, estamos os dois no mesmo barco. Em crianças, fomos até ao templo, em busca da sabedoria dos sacerdotes. Na juventude, divertimo-nos imenso. Já homens feitos, mantivemo-nos amigos íntimos. De algum modo, temos sido dois homens conformados. Temo-nos contentado com longas horas de trabalho e com o livre dispêndio dos nossos ganhos. Conseguimos muito dinheiro nos últimos anos, mas só em sonhos poderíamos chegar a conhecer as alegrias advindas da riqueza. Não seremos nós tão tolos como as ovelhas? Vivemos na cidade mais rica do mundo. Os viajantes costumam dizer que nenhuma outra se lhe equipara em termos de prosperidade. Tanta ostentação e riqueza nas nossas barbas, e, para nós, nada. Após quase meia existência de trabalho árduo, o meu melhor amigo não tem um tostão, e vem até mim pedir que lhe empreste uns míseros dois siclos até ao fim do banquete dos nobres desta noite. E o que lhe respondo eu? Acaso direi: «Aqui tens a minha bolsa, dividirei de bom grado contigo todos os siclos que aí se encontram»? Não, limito-me a admitir que tenho a bolsa tão vazia quanto a tua. Mas o que se passa, afinal? Por que razão não haveremos nós de conseguir obter prata e ouro para além do necessário para o essencial?

«Olha também os nossos filhos — prosseguiu Bansir. — Não estarão eles a seguir pelo mesmo caminho dos pais? Terão eles e as famílias, e os filhos e as famílias dos filhos, de passar a vida inteira entre tantos possuidores de ouro e, apesar disso, exactamente como nós, de contentar-se com papas de aveia e leite de cabra azedo?

— Há tantos anos que dura a nossa amizade, é a primeira vez que te oiço falar assim, Bansir — declarou Kobbí, estupefacto.

— Isso porque, na verdade, nunca tinha pensado assim. Desde a primeira alvorada e até que o breu me arrancasse as ferramentas das mãos, tenho trabalhado arduamente para montar as carruagens mais requintadas que qualquer outro homem possa fazer, acreditando

piamente que um dia os deuses haveriam de reconhecer o valor do meu trabalho e recompensar-me com enorme prosperidade. Pois nunca o fizeram. Por fim, convenço-me de que nunca o farão. É esse o motivo da minha tristeza. Quero ser um homem de posses. Quero ter os meus próprios terrenos e gado, quero finas roupas e dinheiro no bolso. Estou disposto a trabalhar com todo o afínco, com toda a perícia das minhas mãos, com toda a argúcia da minha mente, mas quero que o meu trabalho seja recompensado com a abundância. Qual será o nosso problema? Uma vez mais te pergunto: porque não haveremos de ter o nosso justo quinhão de coisas boas, que abundam para todos os que dispõem de ouro suficiente para as comprar?

— Quem me dera poder responder-te! — replicou Bansir. — Sinto-me tão insatisfeito quanto tu. O que ganho com a lira vai-se em menos de nada. Muitas vezes tenho de fazer das tripas coração para que a família não passe fome. Além disso, há muito que alimento o desejo de adquirir uma lira suficientemente grande para me permitir tocar os acordes que povoam a minha imaginação. Com um instrumento desses, poderia compor as melodias mais requintadas que o rei alguma vez ouviu.

— Uma lira que é mais que justo que tenhas. Nenhum homem em toda a Babilónia poderia arrancar dela um som mais mavioso, para deleite não só do rei, mas também dos próprios deuses. Porém, como conseguir tal coisa, se os dois somos tão pobres quanto os escravos do rei? Escuta, o sino! Eis que se aproximam.

Apontou na direcção da longa coluna de carregadores de água seminus e suados, que subiam a rua a duras penas, vindos do rio. Arrastavam-se em fileiras de cinco, cada qual vergado sob um pesado odre de pele de cabra.

— Quem os conduz é um belo exemplar de homem — referiu Kobbi, indicando o tocador do sino, que seguia à frente sem carregar nada. — Um homem reputado no seu próprio país, como é bom de ver.

— Há ali homens de grande qualidade — acrescentou Bansir —, homens tão bons quanto nós. Altos e louros do Norte, negros risonhos do Sul, morenos dos países mais próximos. Todos eles marchando juntos, do rio até aos jardins, para trás e para diante, dia após dia, ano após ano, sem qualquer expectativa de felicidade. Camas de palha para dormir e papas intragáveis de cereais para comer. Desgraçados desses pobres brutos, Kobbi!

— Desgraçados mesmo. Mas fazes-me ver que não estamos muito melhor, embora nos consideremos homens livres.

— Assim é, Kobbi, por muito que nos desagrade a ideia. Não queremos continuar a levar uma vida de escravos, anos a fio. Trabalho, trabalho, trabalho! Sem chegar a parte nenhuma.

— Será que não poderíamos descobrir como os outros conseguem obter ouro e fazer como eles fazem? — perguntou Kobbi.

— Talvez haja algum segredo que possamos aprender, se o procurarmos junto daqueles que o conhecem — replicou Bansir, pensativo.

— Hoje mesmo — lembrou Kobbi —, passei pelo nosso velho amigo Arkad, que seguia na sua carruagem dourada. Devo dizer que não me olhou com o desprezo que muitos do seu estatuto teriam achado perfeitamente justificado. Pelo contrário, acenou a todos os transeuntes, para que o vissem saudar e conceder o seu sorriso de amizade a este músico, Kobbi.

— É considerado o homem mais rico de toda a Babilónia — comentou Bansir.

— Tão rico, que o próprio rei, segundo consta, procura a sua preciosa ajuda para os negócios do tesouro — replicou Kobbi.

— Tão rico — interrompeu Bansir —, que se o encontrasse por acaso numa noite escura, seria capaz de deitar a mão à sua gorda bolsa.

— Que disparate! — reprovou Kobbi. — A riqueza de um homem não está na bolsa que carrega. Uma bolsa repleta rapidamente se esvazia, a menos que haja um fluxo constante de ouro a enchê-la. O Arkad tem rendimentos que lhe mantêm a bolsa sempre recheada, por maior que seja a prodigalidade com que gaste.

— Rendimentos, eis do que se trata! — exclamou Bansir. — Quero ter receitas a fluir continuamente para o meu bolso, quer esteja sentado sobre o muro ou a viajar por terras distantes. O Arkad deve saber como é que um homem pode criar receitas. Achas que isso estará ao alcance duma mente tão lenta como a minha?

— Parece-me que transmitiu os conhecimentos ao filho, Nomasir — respondeu Kobbi. — Não foi ele, segundo se comenta na estalagem, que foi para Nínive e se tornou, sem qualquer ajuda do pai, um dos homens mais ricos daquela cidade?

— Kobbi, acabas de fazer brotar em mim uma ideia brilhante. — Os olhos de Bansir brilharam com uma nova luz. — Não custa nada ir procurar conselhos junto de um bom amigo, e o Arkad sempre deu provas de o ser em relação a nós. Pouco importa que tenhamos o bolso tão vazio quanto o ninho de falcão estava há um ano. Não deixemos que isso nos detenha. Estamos fartos de não ter ouro no meio de tanta

opulência. Queremos tornar-nos homens de posses. Vamos procurar o Arkad e perguntar-lhe como também nós poderemos obter os nossos próprios rendimentos.

— Parece-me verdadeiramente inspirado, Bansir. Fazes-me ver a situação duma perspectiva diferente. Ajudas-me a perceber por que razão nunca encontrámos ouro nenhum: nunca o procurámos. Tu trabalhaste pacientemente para construir as carruagens mais sólidas da Babilónia. Foi nisso que te empenhaste, e até foste bem-sucedido. Eu empenhei-me em tornar-me um virtuoso da lira, e também nisso tive êxito.

— Tivemos êxito naquilo em que nos empenhámos. Pelos deuses, bem podíamos continuar assim. Agora, porém, vemos uma luz, tão brilhante como os raios do Sol nascente, que nos insta a aprender mais para prosperar mais. Com este novo entendimento, encontraremos caminhos propícios à satisfação dos nossos desejos.

— Hoje mesmo iremos ter com o Arkad — insistiu Bansir. — Procuremos igualmente outros amigos de infância, que não se saíram muito melhor do que nós, para que possam partilhar connosco as lições que nos der.

— Pensas sempre nos outros, Bansir. É por isso que tens tantos amigos. Assim faremos. Vamos hoje mesmo e levemo-los connosco.